

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXV ENANCIB

GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades

ALÉM DO DOCUMENTO ESCRITO: ORALIDADE, ORALITURA E DECOLONIALIDADE NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

BEYOND THE WRITTEN DOCUMENT: ORALITY, ORALITURE AND DECOLONIALITY IN INFORMATION SCIENCE

Gabriela de Souza D’Andrea – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Rodrigo Silva Caxias de Sousa – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: Diante da primazia dos documentos escritos na Ciência da Informação, propõe-se o conceito de oralitura, que integra elementos do corpo e da voz como lugares de memória. O objetivo do texto é o de articular a oralitura com a Ciência da Informação, questionando a hegemonia do texto escrito sobre a oralidade. Realizou-se um levantamento bibliográfico em base temática sobre oralidade, obtendo-se 106 resultados, cujos mais recentes abordam temas como memória, comunidades tradicionais e decolonialidade, mas a oralitura ainda não é explorada. Conclui-se que oralitura tensiona a primazia do escrito, alinhada a perspectivas decoloniais e propondo novos diálogos epistemológicos.

Palavras-chave: oralitura; oralidade; decolonialidade.

Abstract: Given the primacy of written documents in Information Science, this text proposes the concept of oraliture, which integrates elements of the body and voice as sites of memory. The aim is to articulate oraliture with Information Science, challenging the hegemony of written texts over orality. A bibliographic survey was conducted in a thematic database on orality, yielding 106 results, with the most recent addressing themes such as memory, traditional communities, and decoloniality, though oraliture remains unexplored. It concludes that oraliture challenges the primacy of the written word, aligning with decolonial perspectives and proposing new epistemological dialogues.

Keywords: oraliture; orality; decoloniality.

1 INTRODUÇÃO

Quando buscamos compreender o conceito de informação para nosso campo e percebemos que, ainda que as definições mais clássicas não excluam a informação transmitida de forma oral de suas definições, a primazia do documento escrito é notável. Um levantamento dos trabalhos acerca da oralidade desenvolvidos na área no Brasil mostra, contudo, que o tema vem ganhando cada vez mais espaço nas pesquisas, em especial na última década, com trabalhos que, em grande parte, tratam sobre memória e voltam o olhar para narrativas contra-hegemônicas, dialogando com perspectivas decoloniais. É neste

cenário que trazemos para o diálogo o conceito de oralitura, cunhado pela pesquisadora brasileira Leda Maria Martins. Como elemento advindo de uma contribuição das áreas de literatura e das artes ciências, traz, além da oralidade, a tessitura corporal enquanto elemento de transmissão de informação, memória, tradições, apontando que o conhecimento não perpassa apenas pelos locais de memória (bibliotecas, museus, etc.), mas também pelos ambientes de memória, que compreendem os hábitos, gestos, repertórios orais e corporais.

Cabe destacar que este trabalho é parte de projeto de dissertação, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFRGS. Neste texto em específico, nosso objetivo é de articular o conceito de oralitura com a Ciência da Informação (CI), propondo uma perspectiva que questione a primazia do documento escrito em nosso campo, ampliando as discussões que já são realizadas em trabalhos que tratam sobre a oralidade.

Iniciamos o texto com uma breve retomada do conceito de informação, destacando a pouca atenção dada à oralidade. Em seguida, trazemos uma breve apresentação do conceito de oralitura, buscando ressaltar os possíveis diálogos do mesmo com CI. Por fim, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados para proceder a um levantamento bibliográfico sobre oralidade e oralitura na CI e apresentamos uma reflexão acerca destes trabalhos, suas temáticas e perspectivas epistemológicas neles encontradas. Nas considerações finais procuramos articular as perspectivas apontadas nestes trabalhos com a proposição do conceito de Leda Maria Martins para a área.

2 O CONCEITO DE INFORMAÇÃO NA CI

É senso comum dizer que vivemos em uma ‘sociedade da informação’ e que este elemento é fundamental para o desenvolvimento econômico, político e social de nações, comunidades e indivíduos. Se levarmos em conta as definições usuais de dicionário, informação é um termo bastante estabelecido, com significado socialmente partilhado, por vezes confundido com conhecimento.

Quando Borko (1968) busca descrever o que é a Ciência da informação, o faz destacando seu caráter interdisciplinar e elencando as atribuições dos cientistas, teóricos e aplicados, perante a informação. O autor, porém, não discute o que é este conceito pressupondo, talvez, que seu significado fosse reconhecido pelos pares. Assim, a CI é definida como uma ciência que investiga fluxos, processos, disseminação, armazenamento, propriedades da informação, um conceito implícito.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

Uma das definições bastante conhecida e utilizada no âmbito da Ciência da Informação é a apresentada por Belkin e Robertson na segunda metade dos anos 1970. Partindo da premissa de uma ciência orientada a problemas, os autores apresentam a informação como um espectro e como algo capaz de modificar as imagens-estruturas de um receptor (Belkin; Robertson, 1976). A informação pode ser entendida, então, como algo que tem sentido para alguém e que o conhecimento se dá quando da reunião de diversas informações (Soares *et al.*, 2022).

Ainda nos anos 70, Belkin irá discutir outros conceitos de informação, no plural, destacando três requisitos que devem ser atendidos, quais sejam: metodológico - relacionado com a utilidade do conceito; comportamental - relacionado com o fenômeno descrito e de definição - que tem relação com contexto. O autor apresenta, então, diferentes abordagens do conceito de informação, apontando que nenhuma delas atende a todos os requisitos dispostos, ainda que algumas se mostrassem promissoras a seu julgamento para seguirem sob investigação de estudos posteriores (Belkin, 1978).

Um conceito mais fechado é apresentado por Le Coadic, que define informação como: “[...] um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou numérica), oral ou audiovisual” (Le Coadic, 1996, p. 5). O autor destaca que o objetivo da informação está sempre ligado à apreensão de sentido. Mais contemporaneamente, Capurro e Hjørland (2007) vão destacar a existência de múltiplos conceitos de informação, inseridos em diferentes estruturas teóricas, a importância de se explicitar e, principalmente, refletir acerca da escolha de um ou outro enfoque conceitual. Os autores ainda apontam que para eles, a principal distinção é feita entre informação como objeto ou coisa e a informação como signo, algo subjetivo e dependente da interpretação.

Percebemos que, mesmo a informação não possuindo uma única definição, a questão do sentido parece acompanhar o conceito ao longo de sua história e dos debates em seu entorno. Sueli Bortolin rebate em sua pesquisa de doutorado o privilégio dado à informação e ao texto registrado, buscando fundamentação na área de História para delimitar que os registros podem ser de dois tipos: físicos, que correspondem aos suportes tradicionais, concretos (inclusive os eletrônicos) e não físicos que, nas palavras da autora, seriam aqueles passíveis de recuperação pela memória, incluindo os registros orais. Estes últimos podem ou não serem registrados de acordo com interesses específicos e devem ser também de interesse

da investigação em Ciência da Informação (Bortolin, 2010). É pensando neste tipo de informação, negligenciada no âmbito da CI, que apresentamos aqui o conceito de oralitura.

3 ORALITURA: TRANSMISSÃO EPISTÊMICA PELA VOZ E PELO CORPO

O conceito de oralitura, proposto pela primeira vez pelo autor haitiano Ernst Milville, na década de 1970, como uma tradução do francês *oraliture*, em analogia a *littérature* e englobando o acervo de histórias orais, transmitidas pelas gerações mais velhas às mais novas (Fonseca, 2021; Pinto; Ribeiro, 2023; Silva, 2016). Leda Maria Martins, pesquisadora negra brasileira, docente da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, avança ao acrescentar a dimensão do corpo ao conceito. A elaboração de Martins é uma contribuição fundamental dos estudos de performance, amplamente articulado tanto no campo da literatura, como nos estudos das artes cênicas. O termo, tal como proposto pela autora, engloba as grafias do corpo e da voz, a palavra que se inscreve no corpo e produz conhecimento:

Conceitual e metodologicamente, oralitura designa a complexa textura das performances orais e corporais, seu funcionamento, os processos, procedimento, meios, sistemas de inscrição dos saberes fundados e fundantes das epistemes corporais, destacando neles o trânsito da memória, da história, das cosmovisões que pelas corporeidades se processam. E alude também à grafia desses saberes, performáticas e rasura da dicotomia entre oralidade e escrita (Martins, 2021b, p. 41).

O conceito é articulado pela autora a partir dos estudos teatrais, sobretudo a partir de seu trabalho sobre o Teatro Negro. Estes estudos estão calcados em uma teatralidade que não se separa do cotidiano, que perpassa diversas expressões da cultura negra. Estas expressões compartilham elementos sinalizadores desta sintaxe, tais como a duplicidade cênico-semântica; a concepção mágico-metafórica da linguagem; a função burlesca da ironia e a função ritualística dos eventos e celebrações (Martins, 2023). Apesar da ligação etimológica com a letra (*littera*), Martins “assume o radical ‘litura’ como marca da clivagem que o configura” (Fonseca, 2021). Litura, nesse sentido, matiza a *littera*, representando uma rasura da linguagem (Martins, 2003).

Destacando a riqueza da textualidade oral dos povos africanos, invalidada pela visão de mundo do colonizador europeu, Martins aponta como o sistema escravocrata não consegue apagar os signos culturais, históricos, linguísticos, simbólicos no corpo/corpus africano (Martins, 2021a, 2021b, 2023). Partindo do princípio de que a voz e o corpo são também ambientes onde se inscreve a memória, a partir das performances e das práticas

ritualizadas, o conceito de Oralitura vai tensionar a primazia europeia na herança de nossos arquivos textuais (Martins, 2003b), em consonância com perspectivas decoloniais, como as de Aníbal Quijano (2005) e Maria Lugones (2014). Martins compreende que a tradição textual de povos ágrafos, como as sociedades africanas e indígenas, é vista como de menor valor, em relação ao texto registrado. Dessa forma, o conceito coloca a corporeidade no foco, como forma de transmissão do conhecimento.

Nesta perspectiva, o conceito de oralitura entra neste trabalho como uma provocação, no intento de tensionar a noção de informação e trazer para o centro da pesquisa este arcabouço simbólico, que coloca a voz, o gesto, o corpo, a ritualística, como fonte de informação, de geração de conhecimento. Leda Maria Martins vai chamar a atenção para saberes que não foram abarcados pela tradição literária de matriz europeia que se inscreveu nas Américas. E é a partir de seu conceito que procuramos pensar em como a CI pode lidar com estes saberes, posto que nossa tradição enquanto ciência também privilegia o documento escrito, o saber grafado, que pode ser preservado e recuperado.

Buscando articular o conceito de Martins com a Ciência da Informação, realizamos um levantamento bibliográfico, com vistas a embasar as primeiras discussões acerca da pertinência deste conceito para o campo no Brasil. Os achados, descritos a seguir, apontam para caminhos como as perspectivas decoloniais e os estudos sobre memória, que vislumbram pontos de convergência onde a oralitura pode ser mais bem explorada na área.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

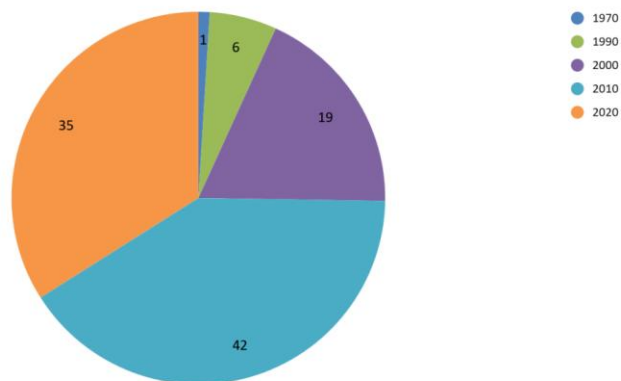
Trata-se de estudo exploratório, de cunho qualitativo, que averigua o conceito de oralitura associado à decolonialidade. De acordo com Gil (2009), as pesquisas de cunho exploratório buscam uma aproximação com um problema, procurando explicitá-lo, construir novas hipóteses e aprimorar ideias. Para efetivarmos a pesquisa, utilizamos a pesquisa bibliográfica que, conforme Marconi e Lakatos (2003) possui o objetivo de aprofundar o conhecimento de pesquisas anteriores e não, reproduzi-las.

O levantamento foi realizado na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI). A escolha por esta base de dados se deu por tratar-se de uma base temática, que abrange uma ampla gama de publicações, prioritariamente em português. As buscas foram realizadas em 06 de abril de 2025 e repetidas em 22 de maio de 2025, não apresentando variações nos resultados. Sendo a BRAPCI uma base de dados temática, optamos por realizar a busca pelo

termo “oralitura”, que não retornou resultados, demonstrando que o tema ainda não aparece nos trabalhos indexados na BRAPCI. Diante desta lacuna, optamos por realizar a pesquisa por “oralidade” que retornou 106 resultados. É a partir da análise destes trabalhos, que realizaremos o diálogo com a noção de oralitura.

Fazendo uma análise temporal, o primeiro registro de um trabalho acerca de oralidade nesta base de dados ser da década de 1970, a temática foi pouco abordada nos anos seguintes. Nenhum registro foi encontrado na década de 1980 e nos anos 1990 foram recuperados apenas seis trabalhos. Os anos 2000 já contam com um número maior de trabalhos, 19 e ganham força nas décadas seguintes, com 42 trabalhos entre 2010 e 2020 e 35 na década corrente, que ainda estamos na metade. Esta breve análise temporal demonstra um aumento no interesse acerca do tema, em especial nos últimos 15 anos, conforme pode ser observado no gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Trabalhos sobre oralidade na BRAPCI ao longo das décadas



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Conforme pudemos observar no Gráfico 1, há um aumento no interesse pelos estudos sobre oralidade na Ciência da Informação nos últimos anos. Em seguida, realizamos algumas considerações sobre os trabalhos encontrados neste levantamento. Para realizar esta discussão, nos detemos aos 35 trabalhos publicados no período entre 2020 e 2025.

5 ORALIDADE NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ALGUMAS PERSPECTIVAS

Procedendo a leitura dos títulos desses trabalhos, duas características chamam a atenção. A primeira é o componente “memória” presente em nove destes títulos (Cortes; Bari; Belchior, 2020; Duarte, 2021; Laurindo; Pizarro, 2022; Leal, 2022; Massoni, 2023; Okawati; Karpinski, 2024; Silva; Ferreira, 2023; Sousa; Sá; Bufrem, 2020; Valente, 2023). Destes textos foi possível depreender alguns pontos que merecem destaque no diálogo com o conceito de

oralitura. Dentre estes pontos, cabe apontar que à exceção do trabalho de Cortes, Bari e Belchior, que trabalham a memória e oralidade em organizações, todos os demais articulam temas referentes a populações negras, indígenas ou povos tradicionais.

A articulação entre os conceitos de memória e informação também merece destaque. O conceito de memória coletiva (Halbwachs, 1990), que destaca o caráter vinculante entre a memória e seu contexto social, está presente nos trabalhos de Cortes, Bari e Belchior (2020), Massoni (2023), Silva e Ferreira (2023) e Valente, Oliveira e Lima (2023). Já Okawati e Karpinski (2024) realizam uma discussão acerca do conceito na Ciência da Informação, destacando que, apesar de seu caráter interdisciplinar, está atrelado a uma matriz de pensamento dominante. Acrescentam, então, uma perspectiva indígena de memória, que traz no seu cerne a reivindicação do passado como estratégia na luta por justiça no presente (Okawati; Karpinski, 2024).

A segunda característica que se destaca nos trabalhos selecionados para esta análise, é que mais da metade deles abordam comunidades tradicionais e abrangem temas relacionados à diversidade de raça, corpos e gênero. Fica evidente que o olhar destes estudos está voltado para narrativas não hegemônicas e que podem estabelecer um diálogo com as perspectivas decoloniais na área, enquanto questionam as práticas coloniais associadas à informação.

É o caso de trabalhos como o de Costa, Albuquerque e Silveira (2024), que trata do papel informacional dos griôs no nordeste brasileiro, e de Curvo (2021), que trás o debate sobre o papel da biblioteca escolar na promoção da igualdade racial. Em ambos os trabalhos é possível ver como as autoras e o autor, destacam a importância de unidades de informação atuarem como “agentes de contestação do poder hegemônico” (Costa; Albuquerque; Silveira, 2024, p. 3). A perspectiva decolonial também se explicita no trabalho de Neri e Souza (2024) que, ao analisar um mito pan-ameríndio e suas variações, contesta a noção de ruído informacional ao apontar que estas variações são, muitas vezes, intencionais e servem a propósitos ligados à disseminação da informação. Ao apresentar questionamentos às epistemologias predominantes, estes trabalhos ressaltam a necessidade de inclusão de outras vozes, inspirados em perspectivas decoloniais.

Um ponto de convergência com o conceito de oralitura pode ser visto no trabalho de Silva e Ferreira (2023). Refletindo sobre a preservação e transmissão de uma prática cultural, os autores evocam a perspectiva da performance, sob a visão de da antropóloga Diana Taylor,

para quem “As performances funcionam como atos de transferência vitais, transmitindo o conhecimento, a memória e um sentido de identidade social [...]” (Taylor, 2012, p. 27). Sob este prisma, os autores sobre como a análise de performance pode ser útil para trabalhar com a dimensão imaterial da informação, avançando, assim, a dimensão do que está registrado e escrito.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando sugerimos o diálogo do conceito de oralitura com a área da Ciência da Informação, estamos propondo um tensionamento da hegemonia do documento escrito. Ao integrar elementos do corpo e da voz como ambientes de memória, o conceito de Leda Maria Martins nos permite ampliar a visão daquilo que entendemos como informação, incluindo nele as práticas performativas e ritualísticas, questionando a colonialidade da primazia dos registros escritos. O conceito não aparece em trabalhos indexados na BRAPCI, sendo assim uma proposta que busca abrir novos debates na área.

A análise dos estudos recentes sobre oralidade na Ciência da Informação demonstra um movimento em consonância com perspectivas decoloniais. A oralitura, neste contexto, corrobora com a necessidade da nossa área em lidar com saberes não abarcados pela tradição dominante. O conceito dialoga com estas perspectivas, que questionam a matriz eurocêntrica do campo, elas mesmas muito incipientes, e têm potencial para ampliar o repertório de categorias da Ciência da Informação.

Por fim, destacamos que a lacuna demonstrada pela ausência de trabalhos sobre oralitura, ao mesmo tempo em que identificamos um aumento nas pesquisas sobre oralidade na última década aponta para uma oportunidade para o debate teórico. Ao incorporar a oralitura em seu panteão epistemológico, a Ciência da Informação pode avançar no sentido de dar voz a saberes que foram sistematicamente silenciados, reconhecendo o corpo como arquivo vivo de histórias, tecnologias e cosmovisões que desafiam a hierarquia colonial do conhecimento (Martins, 2023), em um compromisso com a complexidade dos saberes que vão além do documento escrito.

REFERÊNCIAS

BELKIN, Nicholas. Information concepts for information science. **Journal of Documentation**, [S. l.], v. 34, n. 1, p. 55–85, 1978. <https://doi.org/10.1108/eb026653>. Disponível em:

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

<https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/eb026653/full/html>. Acesso em: 15 jan. 2025.

BELKIN, Nicholas; ROBERTSON, Stephen. Information science and the phenomenon of information. **Journal of the American Society for Information Science**, [S. l.], v. 27, n. 4, p. 197–204, 1976. Disponível em: <https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/asi.4630270402>. Acesso em: 26 jan. 2025.

BORKO, Harold. Information Science: What is it?. **American Documentation**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 3–5, 1968.

BORTOLIN, Sueli. **Mediação oral da literatura**: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando. 2010. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/103349>. Acesso em: 17 ago. 2025.

CORTES, Vanderléa Nobrega de Azevedo; BARI, Valéria Aparecida; BELCHIOR, Cleide Aparecida Freires. Fontes orais e sua relevância documental para as narrativas de memória nas organizações. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 2, p. 101–120, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/175161>. Acesso em: 6 abr. 2025.

COSTA, Júlia Raquel Farias da; ALBUQUERQUE, Daniela Eugênia Moura de; SILVEIRA, Murilo Artur Araújo da. Fontes de informação alternativas: as práticas de tradição oral Griô nos referenciais do conhecimento. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, e-7337, 2024. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/7337>. Acesso em: 13 jan. 2025.

CURVO, Luiz Felipe Sousa. A biblioteca escolar na perspectiva da promoção da igualdade racial. **Revista Bibliomar**, São Luís, v. 20, n. 1, p. 106-130, 2021. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/bibliomar/article/view/15156>. Acesso em: 6 abr. 2025.

DUARTE, Francisca Eugênia Gomes. Memória e identidade da comunidade rural do Sítio Serra da Minguiriba – Crato – CE. **Folha de Rosto**, Juazeiro do Norte, v. 7, n. 3, p. 289–290, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/823>. Acesso em: 17 ago. 2025.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura e oralidade africanas: mediações. 2021. **Literafro** - Portal da Literatura Afrobrasileira. Disponível em: [http://www.letras.ufmg.br/literafro/literafro/literatura-angolana/1505-maria-nazareth-soares-fonseca-literatura-e-oralidade-africanas-mediacoes](http://www.letras.ufmg.br/literafro/literafro/literafro/literatura-angolana/1505-maria-nazareth-soares-fonseca-literatura-e-oralidade-africanas-mediacoes). Acesso em: 10 ago. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

LAURINDO, Kariane Regina; PIZARRO, Daniella Camara. Registro e organização das histórias e memórias do quilombo Vidal Martins: relato de pesquisa. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2022, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Ancib, 2022.

Disponível em:

<https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxiiienancib/paper/viewFile/928/764>. Acesso em: 17 ago. 2025

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1996.

LEAL, Maria Isabel Moreira. Memória, fé e identidade: os grupos de tradição cultural na Festa de Santo Antônio em Barbalha-Ceará. **Folha de Rosto**, Juazeiro do Norte, v. 8, n. 3, p. 243–244, 2022. Disponível em:

<https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/1023>. Acesso em: 17 ago. 2025.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, p. 935–952, 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ref/a/QtnBjL64Xvssn9F6FHJqznb>. Acesso em: 21 mar. 2025.

MARTINS, Leda Maria. **A cena em sombras**. 2. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2023. (Debates).

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: O Reinado do Rosário no Jatobá**. 2. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2021a. (Perspectivas).

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, Santa Maria, n. 26, p. 63–81, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>.

Acesso em: 17 dez. 2024.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021b.

MASSONI, Luis Fernando. Museu de percurso do negro em porto alegre: aspectos memorialísticos-informacionais. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2023, Aracaju. **Anais eletrônicos [...]**. São Paulo: Ancib, 2023. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxxiiienancib/paper/view/1608>. Disponível em: 17 ago. 2025.

NERI, Filipe Vinícius Cabral; SOUZA, Edivanio Duarte de. Música ou ruído: uma análise das transformações em uma narrativa ameríndia. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INFORMAÇÃO, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO, 6., 2024, [S. l.]. **Anais eletrônicos [...]**. [S. l.: s.n.], 2024. Disponível em: <https://observinter.al.org.br/index.php/siti/article/view/134>. Acesso em: 13 jan. 2025.

OKAWATI, Juliana Akemi Andrade; KARPINSKI, Cezar. Narrativas indígenas: um caminho decolonial para compreender a memória e informação. **Transinformação**, [S. l.], v. 36, e2410646, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/Xhd8Yhv8bQ7QjFFXwXrwPhs/?lang=pt>. Acesso em: 13 jan. 2025.

PINTO, Fernanda Lemos; RIBEIRO, André Luiz Rosa. Oralitura e memória nos quilombos baianos. **Tabuleiro de Letras**, Salvador, v. 17, n. 1, p. 140–152, 2023. Disponível em:

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

<https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/17120>. Acesso em: 16 fev. 2025.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. (Colección Sur Sur).

SILVA, Camila de Matos. The songpoems within the Congado: an oral literature of black identity and resistance. **Identidade!**, São Leopoldo, v. 21, n. 2, 2016. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/view/2929>. Acesso em: 17 ago. 2025.

SILVA, Rubens Alves da; FERREIRA, Marina Farres. Memória, informação e performance: contribuições para a preservação e transmissão de uma prática cultural. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2023, Aracaju. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: Ancib, 2023. Disponível em: <https://ancib.org/enancib/index.php/enancib/xxxiiienancib/paper/viewFile/1703/1280>. Acesso em: 17 ago. 2025

SOARES, Erika Corrêa *et al.* Glossário de conceitos infocomunicacionais. *In*: BORGES, Jussara. **Educação para a informação: como promover competências infocomunicacionais**. São Paulo, SP: Pimenta Cultural, 2022.

SOUSA, Ana Livia Mendes; SÁ, Paloma Israely Barbosa; BUFREM, Leilah Santiago. Memória e Oralidade: a cantoria de viola e a contação de histórias na Região do Cariri Cearense. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 13, n. 2, p. 619–635, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/28269>. Acesso em: 6 abr. 2025.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas américas**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012. (Humanitas).

VALENTE, Tadeu Rena; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de; LIMA, Valdir Silva de. Memórias: emaranhado de lembranças e esquecimentos no processo infomemorial da cozinha de santo. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2023, Aracaju. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: Ancib, 2023. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxxiiienancib/paper/viewFile/1992/1183>. Acesso em: 17 ago. 2025.